




PORTE
PAGO

Quinzenário * 17 de Abril de 1982 * Ano XXXIX — N.º 994 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

● Dizíamos no último número de O GALATO que matar é solução demasiado cómoda e fácil. Aceitar o aborto insere-se nessa linha. O homem abdica das suas responsabilidades e esquece que as dificuldades ou problemas postos, seja em que campo for, não se podem iludir com a adopção de soluções simplistas. Quanto mais difíceis as questões postas, mais esforços há que equacionar e pôr em prática para as resolver. Os escolhos, por maiores que sejam, não desobrigam ninguém da observância dos valores humanos e éticos.

A doutrina da Igreja é clara: suprimir a vida é matar. Mas ao afirmar isso, por imperativo do mandato que lhe vem do seu Fundador, não esquece que o Mestre veio pelos doentes, pelos fracos e pecadores. Os seus ministros quando se sentam nos confessionários sabem-no bem. Aos humildes e arrependidos Deus perdoa, mas nenhum sacerdote julga ninguém nem condena nem absol-

ve por autoridade própria. O que não pode é truncar as coisas: roubar é crime, cometer adultério é falta, matar é atentado à vida e assim por diante. Aceitar o contrário seria relativizar a Moral e subverter toda a estrutura social.

Dificuldades para as parturientes e hipóteses de futuras deformações ou deficiências dos nascituros são argumentos para forçar a legalização do aborto. Mas, como se diz no «Documento da Santa Sé para o Ano Internacional do Deficiente», «a Medicina perde o seu título de nobreza quando, em vez de atacar a doença, ataca a vida; de facto a prevenção deve ser contra a doença, não contra a vida». Matar não é processo de resolver as questões. A Ciência tem, por assim dizer, possibilidades ilimitadas, como se viu, ainda recentemente, no caso da Columbia e se apalpa a todos os níveis. A própria Medicina nos oferece exemplos elucidativos, com progressos constantes, debelando os males mais varia-

dos, que de flagelos se tornaram quase simples reminiscências clínicas ou patológicas. De resto, como diz o documento anteriormente citado, «as tendências actuais no campo da genética, da fetologia, da perinatologia, da bioquímica e da neurologia... permitem alimentar a esperança de sensíveis progressos». Investigação cuidada e profunda, apoiada; assistência à maternidade acessível a toda a população; divulgação permanente dos cuidados a observar; uma educação sexual correcta; um planeamento familiar adequado, são, entre outros aspectos, caminhos a percorrer, afinçada e tenazmente, para prevenir as situações delicadas possíveis. Gasta-se tanto dinheiro com coisas fúteis e desnecessárias, como armamentos e similares, por exemplo, para se esquecerem, amiudadamente, assuntos vitais! Depois..., depois mata-se a belo prazer, que é mais fácil.

Cont. na 3.ª página

NOTAS DA QUINZENA

● Um Amigo mandou-nos de Trás-os-Montes um frasco de mel, límpido e puro como as fontes, urzes e carquejas da serra de Mogadouro. Ora o Ferreirinha viu o frasco, provou o mel e foi um ai! Ferreirinha? Ficou só e dura ainda a imagem do mel doirado.

Não é a primeira vez que ele tem tentações más... Arrepende-se, chora e volta a cair. Mas ontem, dia luminoso e quente a tentar acordar a Primavera, o nosso Ferreirinha entra esbaforido no escritório e entrega-me, sem mais aquelas, um envelope aberto e com notas de conto a sair pelas pregas! «Foram uns senhores que deram pacotes de rebuçados e este envelope» — diz ele.

Um pouco mais tarde, encontrei, por acaso, os ditos senhores que me perguntaram se o

pequeno tinha entregado a importância X. Tudo exacto! «Estão a ver como é!» — disse um para os outros. Sorri, pensando nas vezes que não nos seguramos na prancha e caímos no rio. É o risco. Continuamos a arriscar.

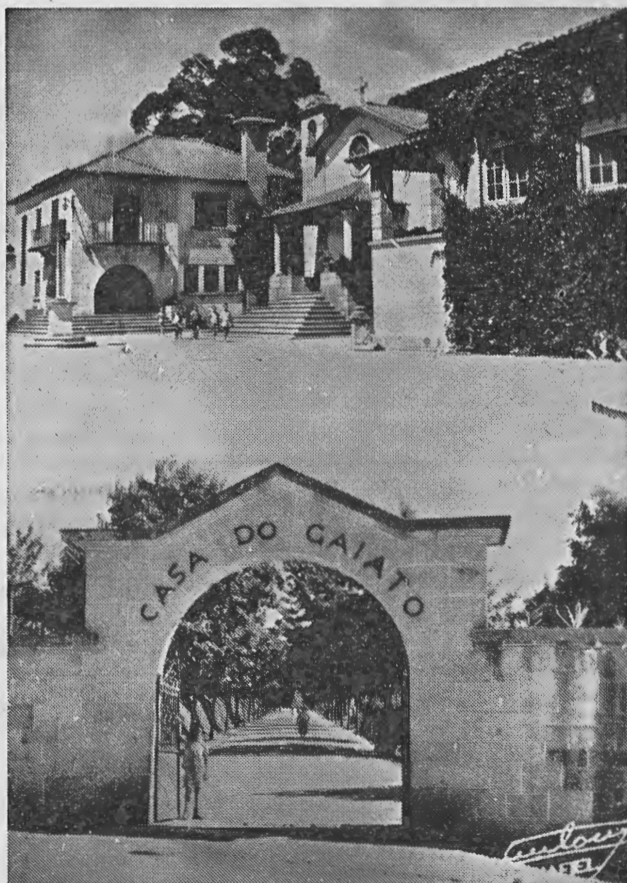
Contra tradições férreas e conceitos estabelecidos — apostou Pai Américo. «Olhe que eles vão fugir!» Portas abertas. «Olhe que eles roubam!» Tarefas e chaves.

Ferreirinha, meu querido! É tão lindo seres capaz! Tão bom confiar em ti.

● O Félix, que no último número de O GAIATO fez o seu retrato e prometeu a todos ser um homem, veio ter comigo:

— Já fiz dezasseis anos e

Cont. na 3.ª página



«Sonhara uma Aldeia com casinhas a espelhar, habitada por garotos da rua... Vi escolas e oficinas; pomares e jardins; folgedos e descantes. A igreja era no meio...» Aqui está!

ERA UM SONHO!

N. da R. — A acção de Pai Américo nas Colónias de campo em S. Pedro de Alva — para o «Lixo das ruas» de Coimbra — culmina com a fundação da primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo. «Acabaram-se as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda e de dizer que não, nas Colónias, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo.»

Depois, há 39 anos — fá-los agora, a 20 de Abril — angustiado pela situação do garoto das ruas do Porto, Pai Américo lança a construção da Aldeia dos Rapazes em Paço de Sousa. E, também, «sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro; destituído de todas aquelas qualidades que fazem girar no mundo homens e ideias» — como disse, humildemente, em relação à fundação da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Quem viveu a odisseia, essa

transcendente acção carismática, ainda hoje recorda o impacto que o sonho suscitou nos homens do tempo, na doce paz que então se vivia — com o mundo em guerra terrífica, generalizada. São dias, são anos de trabalho intenso que jamais esquecem! E o Fogo que brotava, escaldante, da alma de Pai Américo — como Recoveiro dos Pobres — iluminava tudo e todos, provocando uma autêntica revolução nas almas!

Vamos ouvi-lo, religiosamente. Ele vai dizer à sua maneira, tão rica!, como nos estabelecemos em Paço de Sousa, há 39 anos:

«Se eu fosse a contar a minha vida desde o princípio, faria um livro de memórias de que muito havia de gostar. Mas não; antes quero revelar as coisas mais recentes e calar as distantes.

Trazia eu o pensamento ocupado com o convento de Arou-

ca, com mira a fundar ali a Aldeia dos Rapazes, quando adreguei passar por Paço de Sousa onde existe um convento beneditino consumido há três anos pelas chamas de um incêndio. «Fique por aqui, Padre» — disse-me alguém. Entrei dentro das ruínas. Vi a arte, a piedade e a fé dos monges nas sólidas construções daquele tempo, sob o signo sagrado do ora et labora. Passei a cerca, subi à mata, olhei em redor. Soube da posição jurídica da fábrica monástica. Pedi papel e tinta. Escrevi para Lisboa. A resposta veio num rufo: — Sim senhor.

Tomel posse a 20 de Abril de 1943. No dia imediato, em um altar da igreja românica de Paço de Sousa, sozinho, lançava a primeira pedra. Jesus Cristo é a Forma viva e a Pedra angular das Obras de Ca-

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

FORMAÇÃO — Victor e Luís Henrique são duas flores arrancadas a ambientes daninhos. Não são ervas; apesar de terem nascido no meio delas. São dos muitos que requerem cuidados especiais. Fazem as suas guerras. Copiam tropéias. Se nos zangamos com eles, fogem de nós — e entristecem-se. Mas se os abraçamos e falamos a bem, deixam-se agarrar — e sorriem.

Nasceram no meio das ervas e a semente já era fraca... Requerem cuidados especiais. Mas, como ninguém lhes deu, alguém os encaminhou pra Casa do Gaiato. Muito se têm modificado! São pessoas. Precisam de trato adequado.

ZELO — «Cara Rouxa» é tipógrafo. Frequenta a Escola nocturna, porque só tinha a 4.ª classe. É já um homenzinho.

Eu tenho-me regalado! Depois do almoço tem passado o descanso a rapar ervas e abrir caldeiras nas árvores do pátio do Lar. Podia não se importar... Mas viu a necessidade e faz gosto em passar, assim, o recreio.

Que bom zelarem pelo que é deles!

PASCOA — De tanto olharmos para os nossos rapazes, não vimos outro aspecto pascal senão nos crucificados que foram e são — por via do que padecemos durante a vida errante que levámos.

Nós acreditamos em Cristo padecente nos que hoje desejam um Reino de Amor. Que precisam e não se queixam do Reino de Justiça que outros homens mais talentosos lhes negam. O próprio Cristo deixa de ser para nós, se não virmos a figura d'Ele também nos actuais Padecentes... Ele que morreu e ressuscitou por nosso amor, por todos nós — pela Humanidade.

O gaiato da rua foi pregado na cruz e quer ressuscitar, também, à luz da Fé, se alguém o procurar conquistar para fazer dele um conquistador. Outra não foi a preocupação de Jesus: fazer dos homens pescadores de outros homens — «amáveis uns aos outros...»

«**CEREJA**» — Entrei na carreira, que me convinha, para Lisboa. Aparece o cobrador. Cumprimentos; sensibilizações minhas e dele. Era o «Cereja»; hoje, o Vieira — cobrador da Rodoviária Nacional.

Após a aquisição do bilhete, conversámos numa folga. Tem o seu emprego. Vencimento compatível com o nível de vida que deseja. Não é ambicioso. Tem que dormir menos, sim, e trabalhar mais: — «É sacrifício, mas tem de ser, agora enquanto sou novo...» — afirma.

Quem era este «Cereja», agora o senhor Vieira!?

VICENTINOS — Eles, os de Setúbal, estiveram em nossa Casa. E costumam escolhê-la para festas regulamentares. O nosso Bispo veio também. Deles muita Força para o Pastor. Ovelhas mansas que cha-

mam pelo Pastor para chamar outras, dispersas. Celebraram connosco. Houve cânticos melhorados: as vozes femininas ecoaram com o grosso masculino. Festa interior. Estímulo para o dia-a-dia destes anunciadores da Boa Nova. Tantas vezes eles terão dito o que Outros disseram: «Como é bom estarmos aqui!»

«Cuidado com o desejo de nos encostarmos; cuidado com a tentação da satisfação! O amigo do Pobre é sempre um insatisfeito...» — aconselhou o Pai na Fé. Tal como no Presépio ou no Calvário, não há grandes Pastores e curenses foram os primeiros, mai-la Madalena com o rude Pedro. Os vicentinos! O que terá dito Pai Américo desta gente que quer sair do cenáculo e ir ao encontro dos Pobres a dizer que o Mestre não é um vencido!? Ele está bem ressuscitado! Vinde vê-lo nas ruas de lado para lado em tantos..., se não pecássemos por omissão: não fazer o bem a partir dos que estão ao nosso lado...

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

PASCOA — Ao estudarmos a História do Homem deparámos, a cada passo, com factores importantes que fazem com que ele progrida na sua maneira de ser, de ver e de viver.

Desde a Idade da Pedra até à actualidade o Progresso é factor do quotidiano.

Passar de nómada a sedentário foi a primeira revolução. Depois desta muitas outras se sucederam.

Extrair da terra o essencial à sua sobrevivência e aperfeiçoar a técnica para que o rendimento seja cada vez mais rico.

Hoje os grandes complexos técnico-científicos são provas do desenvolvimento que se tem feito notar ao longo dos séculos.

Para melhorar as condições sanitárias a Ciência faz pesquisas e cada vez mais é superior o nível médio de vida.

Actualmente o progresso é patente em cada local em que nos encontramos e em cada objecto que tocamos.

Também ao longo da História do Homem se podem ver as guerras que têm acontecido por causa das suas ambições!

E o Progresso virou-se para o aperfeiçoamento das armas.

Este é o lado negro da questão que faz do Progresso retrocesso. As armas nucleares e a luta pelos pontos estratégicos.

Se por um lado há algo de positivo, pelo outro há muito de negativo.

O sofrimento a que o Homem está sujeito é a grande prova. Crianças morrem de fome enquanto se gastam milhões na auto-destruição da Humanidade.

Vamos recordar, daqui a alguns dias, o grande acontecimento da História da Salvação — a Páscoa. E ao meditarmos no sentido da Palavra temos a sensação de estar muito aquém de fazermos a passagem desta vida supérflua, em que o dinheiro e o luxo andam de mãos dadas, para uma Vida espiritualmente mais rica para todos os homens; isto é, que todos

vivam como irmãos; em que o sofrimento seja menor e não haja crianças a padecerem de fome, em que não haja distinções de raças mas harmonia e paz entre todos os povos.

Progresso e aborto são temas do dia; e neste momento em que nos preparamos para recordar grandes acontecimentos devíamos lutar com mais Força contra o mal que se arrasta.

A mudança tem que ser feita por nós, homens, antes que seja tarde!

EXCURSÕES — Chegou a Primavera e a Natureza acorda do sono do Inverno. Tudo começa a ficar florido. As árvores começam a ter folhas e os passarinhos cantam. Com a Primavera chegou o tempo dos passeios e merendas nas matas à sombra das árvores.

Na nossa Aldeia as visitas intensificam-se. As excursões escolares vêm até nós. Grupos de jovens convivem connosco. Com chuva ou sol, somos visitados por centenas de Amigos.

Mas ainda estamos no princípio. Muitas outras excursões — como é costume todos os anos — virão daqui até ao fim do ano: grupos de Paróquias, etc. Avalanches de gente ávida por nos ver e conhecer.

Damos-lhes as boas-vindas com amizade.

FÉRIAS — Tempo de descanso para uns e de trabalho para outros, as férias são sempre bem vindas.

É tempo de descanso para aqueles que têm uma vida cheia e que agora ficam um pouco mais leves; tempo de trabalho porque ele não pára e todos os dias tem que ser realizado.

Os estudantes do Lar do Porto regressaram e agora dão uma ajuda aonde é necessário. Os estudantes nocturnos acolheram com satisfação este pequeno período de descanso, pois o longo segundo período escolar havia esgotado energias.

Quanto ao aproveitamento escolar não se sabem ainda os resultados, mas esperamos que todos tenham cumprido e as notas sejam razoáveis.

Este período que acabou é, sem dúvida, muito importante; começam a formar-se médias que podem dar para avançar, se o aluno realmente trabalhou e provou ter conhecimentos.

DESPORTO — O futebol entrou em acção nesta quinzena! Três jogos realizados: No sábado, dia 25 de Março, com os C. T. T. do Porto. Vencemos por 9-7. Esta equipa é treinada pelo Fernando (ex-«Girafa»). No domingo, dia 26, outra equipa amiga jogou connosco e vencemos por 5-2. Domingo, 3 de Abril, a vitória foi de 4-0.

Esperamos outras equipas, embora tenhamos um pequeno problema que julgamos os nossos Amigos poderão ajudar a resolver: as redes que temos nas balizas, devido à sua idade, estão gastas...

Obrigado.

VENDA DO JORNAL — Como nenhum dos vendedores toma a iniciativa — e é necessário estar sempre a pedir para se fazer alguma coisa! — vou tentar dar hoje um pequeno apontamento de como se processa a venda do jornal no Norte do País.

Os vendedores começam a entrar em actividade à quinta-feira. É o Carlitos o primeiro a sair. Vai para Aveiro, leva 550 jornais e passa-os todos. Regressa no domingo à noite e durante o tempo que está em Aveiro fica no Hotel Imperial, que tradicionalmente abriga os nossos vendedores naquela região. Também na quinta-feira sai um pequeno grupo para o Porto. Vendedores que passam os jornais em casas comerciais, Bancos e Caixas de Previdência — fechadas ao sábado. O João «Fuzeta» faz parte deste grupo. Leva cerca de 420 jornais e passa-os na zona do Marquês, nas Caixas de S. Crispim, etc. Outros há que os passam em outros locais.

No sábado sai o resto do grupo. O Manuel vai para Espinho e passa 300 jornais. O Reinaldo para a Póvoa de Varzim e durante o tempo que lá fica hospeda-se na confeitaria Dias, que tradicionalmente fica com o vendedor daquela zona. Para Braga vai o Zé Mamel; e para Amarante o «Piasquinha» com 130 jornais. De todos estes o único que regressa directamente a Casa é o de Amarante. Todos os outros regressam com os que ficaram na cidade a vender no sábado e no domingo.

Trabalho difícil e preocupante a venda do «Famoso» e com vendedores entre os 11 e os 14 anos. É também necessário grande cuidado na escolha dos rapazes para desempenharem esta bela missão, pois eles são os nossos embaixadores!

A venda de O GAIATO decorre todas as quinzenas e cada vez se vende mais, tal é o empenho com que eles cumprem a missão que lhes é confiada.

«Réguas»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma tarde de sol primaveril. Plantas e flores a desabrochar. Aves em rodópio. Vida que se renova, cíclicamente. A Natureza! Saimos de casa a olhar o Belo que sai das mãos do Criador — em proveito do Homem. Estacamos frente a um bando de pombas sobre um telhado, silenciosas, debicando o dorso. Ao lado, num morro, grande ramalhete de brancas flores aguçam a nossa vista, a curiosidade — o odor. Símbolos de Paz!

Levamos a alma cheia, também, pela acção de um herói que não perde um minuto de tempos livres a levantar uma casa bem dimensionada. Não falta, aliás, quem lhe bote a mão na hora própria, pois se trata de família numerosa. É Auto-construção espontânea, familiar, prática — operacional.

Este homem, estes homens recolhem todos os dias ao leito moídos, estourados; no entanto, felizes, porque lhes sai do corpo, do estômago..., o doce lar que há-de ser.

A seu tempo, no erguer da última laje, deitámos a mão com «pequeno auxílio» — 15.000\$00. Foi uma explosão! Quinze notas multiplicaram-se por cem! E os homens públi-

cos — Deus nos valha — não dão fé, não entendem ou não querem entender a filosofia dos Pobres!... Esquecem a grande lição que deram ao Mundo — a todo o Mundo — as nações que sofreram a maior desbastação da História, na última guerra mundial...? E são os Pobres, os pacíficos, os ignorados cidadãos do meio rural que, sem oratória, sem cultura, sem canudos, sob a inclemência do tempo, na calma dos campos — amargurados, sim, por se verem marginalizados — são eles que dão a maior lição a todo o Portugal, no combate à barraca, ao pardeiro, à toca, à montureira, aos bairros de lata! Sozinhos, esmagados — explorados... por leis iníquas, fabricadas em gabinetes d'alcatifa.

Nós íamos por outro, do mesmo naipe, cuja esposa só não chora lágrimas de sangue porque o tem perdido, mai-lo marido, a levantar, também, uma moradia aiosa e donairosa — diria Pai Américo.

Ela é uma dona de casa com muito tino. Sofreu, em tempos, um acidente que lhe furtou um olho, mas não vive complexada.

— Acuda-nos! A gente deve muito dinheiro... Mas a casa já está no ar...! Temos vergonha de pedir; muita vergonha. Acuda-nos!...

Fomos. Não podíamos perder tempo. E levámos a retina cheia da calma das pombas; da beleza e perfume das brancas flores; do sol da Primavera, radioso, criador. A paz! Não a podre ou mentirosa que o mundo nos dá. Sim a Paz do Criador — que não esquece as criaturas; ainda que, entre estas, haja quem esqueça os Outros.

A pobre mulher estava no lavadouro. É sábado... Fita-nos, espantada:

— V. não demoraram!... Vou chamar o meu home...

É foi. Ele chega com a tesoura de poda na mão.

— Temos de nos ajudar uns aos outros...

Entramos no rés-do-chão da moradia, com amplas divisões. É tijolo à vista e estaleiro de materiais.

— Isto custa muito, muito! Trabalhamos aqui que nem uns escravos!... Mas tem de ser. Sou eu, a minha mulher, os meus filhos, os meus amigos...

— Auto-construção...!

— Nós não demos a obra a ninguém. É feita por nós...

Subimos ao 1.º andar. Escadas sem grades...!

— Sim, é um prigo prós cachopos... Mas a gente não pode mais...!

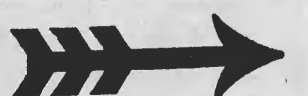
— Que bela vista!...

— É um sítio bonito, muito bonito...

Abre a porta da cozinha. A filha mais nova ocupada no seu lugar, na escola das boas donas de casa. Beijamo-la carinhosamente.

— Está tudo assim, por acabar...! Nem soalho nem pintura nem estores — estudo por acabar...»

— É q'a gente não pode mais!



AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

Ninguém pode, por livre vontade, dispor da vida humana, apoderando-se dela arbitrariamente. Quem acompanha com frequência o programa «Novos Horizontes», da R. T. P., mais se capacita de tal. Os deficientes são pessoas, mesmo que gravemente atacados nas suas faculdades. «O desvelo, o carinho, a atenção, os meios humanos e materiais requeridos são — citando ainda o texto acima referido — o preço que uma sociedade deve generosamente propor a fim de se manter realmente humana»; e será arrojo ou desfaçatez «afirmar que se quer levar conforto a uma família, suprimindo um dos seus membros». Não é este, sabemos-lo pela prática corrente, o pensar e o agir dos pais com filhos deficientes. É que estes são seres humanos, pessoas, indivíduos, e não outros viventes, a quem se devem aplicar sem mais, critérios de selecção destinados às plantas ou aconselháveis numa perspectiva geotécnica. Continuaremos.

● Passou, no dia 28 de Março, o Dia Mundial do Doente. Por tal, duas palavras muito simples.

De tanto se falar de Dias disto e daquilo tais comemorações ou efemérides vão-se tornando rotineiras e inconsequentes. Mal dos homens, se para respeitarem os seus irmãos sofredores, têm de criar dias especiais. Sim, porque os doentes devem ser alvo, todos os dias e a todas as horas, dos cuidados e dos carinhos a que têm direito. Amar sobretudo os mais fracos e desprotegidos, é um verbo que deve conjugar sempre no presente do indicativo e em todas as pessoas, do singular e do plural.

Que o doente não tem lugar nesta sociedade de slogans é uma verdade que mais se tende a constatar. O doente e o velho ou alquebrado são estorvos que, a caminharmos como vemos, não têm futuro promissor, ainda que todos o sejamos em potencial. Paradoxalmente, para se indicarem índices de progresso social, fala-se em esperança de vida enquanto se abandonam ou rejeitam, às vezes de maneiras

sofisticadas, os incuráveis e os geriarras. Valha-nos a consolação, embora triste, de que ainda ninguém se lembrasse, pública e oficialmente, nesta terra à beira-mar plantada, de tornar legal a sua supressão pura e simples, já que, em países muito citados, dito civilizados, o assunto já é ventilado e defendido ardorosamente...

Escrevemos em Domingo da Paixão e, naturalmente, sacerdotes que somos, temos em mente os sofrimentos e a Paixão de Cristo. A Ele e aos doentes que enxerguem estas linhas, queremos unir os nossos próprios sofrimentos, físicos e morais, que às vezes a vida é desgastante e difícil, procurando assim «completar» a Paixão do Senhor. Para todos uma palavra amiga de solidariedade e de conforto, com os votos de uma santa Páscoa.

● FESTAS — Podemos anunciar que está marcada a de Loures. Assim, teremos: dia 9 de Maio, às 11 horas, Festa no Monumental; dia 15, no Cinema dos Bombeiros Voluntários, às 15h. 30m., espectáculo em Loures. E até lá!

Padre Luiz

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª página

não sei qual a razão de ainda não receber ordenado...

(Aos dezasseis anos feitos, quando o trabalho é conforme, todo o rapaz começa a ter um ordenado que vai acumulando em conta e aumenta com a idade e respectiva valorização.)

— Vamos pensar nisso Félix; mas lembra-te que junto de cada direito está sempre um dever. Se te armas só com direitos ficas manco. Quem come e não produz é parasita dos outros.

Mas o Félix prometeu. Vamos todos esperar — com esperança.

● Mesmo ali, entre o Douro e a marginal, já bem perto da ponte D. Maria, uma família levantou a sua barraca com tábuas de andaimes e um plástico a cobrir. Três por três. Ele, mãe, quatro filhas e quatro filhos. Dentro, uma cama com cobertores enrolados e um divã roto.

Como pode?! É. Acudimos com roupas, merceria e seis chapas de lusalite. Remendo em trapo velho... Selo em folha gasta que não legaliza nem justifica.

Era, pelo menos, uma casinha de tijolo, cimento e telhas — numa encosta onde batasse o sol. Mas na cidade e arredores não há onde pôr um pé... E os Pobres constroem suas barracas em qualquer canto.

Se cada Freguesia controlasse e cuidasse das suas gentes... Não é assim.

«Não somos daqui. Meu ma-

Remessa do Canadá, outra de Extremoz — presenças que se renovam com muita devoção e espírito cristão.

Do Porto, o donativo de uma anónima «com todo o carinho e boa vontade, para as inúmeras aflições» dos Pobres e «pelas melhoras da minha querida nora». Que gesto!

Uma senhora da Rua das Amoreiras, na capital, já com os filhos criados mas sempre muito ocupada, lembra os Pobres e penitencia-se do atraso! A amizade dela, e dos seus, por nós e pelos Pobres, remonta há mais de vinte anos.

Outra presença rica de conteúdo: «Sou assinante de O GAIATO, que muito gosto de ler. As cataratas já não me deixam ler bem, mas com a ajuda de uma lupa vou lendo o calvário de tantas vidas.

Meu pai, já falecido, era vicentino. E como deixou uma pensão, lembrei-me de enviar esta importância, honrando assim a sua memória.» Que bem!

Agora são 10 rands, de Durban, «por intenção de minha querida mãe, que Deus chamou para junto d'Ele». Piedosa evocação!

Por fim, o assinante 9790 abre sua alma cheia:

«Uma oração ao Céu para que nós pensemos e aceitemos a passagem desta vida a uma nova Vida que não mais acaba; e, assim, endireitemos as veredas para que Deus nunca nos encontre adormecidos no caminho, mas, pelo contrário, sempre vigilantes.»

Aqui está como o Senhor Jesus também fala pela boca dos homens!

Correspondendo a várias solicitações, esclarecemos que as ofertas deverão ser dirigidas à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Assim, na hora própria, os nossos Padres farão o resto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Devemos 500 contos, sem juros...

— Pediram empréstimo à Caixa? — Há mais de seis meses. Já cá veio um engenheiro e dois senhores. Mas, até agora, nada. Não querem saber de nós!

Queixa amarga! Terrível acusação! — Não querem saber de nós...

Passamos, então, quinze notas para a mão do nosso Amigo.

— Posso contar? — Ande lá; faça favor.

E desabafa, por fim:

— Que jeito nós vão fazer!... Vão ver quanta rendem estas quinze notas!...

Mais uma lição que se devia escutar e analisar. Mas não! Vivemos nesta conformaçãozinha, à espera de milagres que hão-de cair do céu! Como se a resolução do maior problema nacional fosse obra de um messias e não esforço conjugado entre estes heróis ignorados que a gente topa e uma lei-quadro de Habitação — prática e eficaz — que não surge!

PARTILHA — Assinante 31104 manda um vale de correio:

«Peço o favor de fazer chegar a importância às mãos do nosso irmão tão carcido. Estou a escrever com o coração cheio de angústia, mas peço a Deus que me permita ir fazendo algo de bom por aqueles que sofrem. Desculpe este desabafo. Subcrevo-me com amizade...»

Um Amigo da Rua Infanta D. Maria, Porto, arruma contas com O GALATO e «o restante fica para a Conferência, para ajuda de qualquer coisa que acharem melhor.»

Naugatuck, América do Norte:

«Nesta Páscoa que se aproxima, aqui estou com a minha humilde presença, pedindo a Deus que a Paz desça sobre o Mundo e as almas que vivem tão sobressaltadas nos tempos que correm. Envio vinte dólares. Empregai-os no que for mais necessário. É a minha intenção da Quaresma.»

Do que nós necessitamos

Da Rua de Santa Marta, dum amigo colecionador, vários objectos, tais como: relógios de pulso, canetas, porta-chaves, porta-moedas e lâminas de barbear. Tudo novo. 500\$ do Entroncamento. 2.500\$ de Setúbal. Isabel com 1.000\$. De Luciano e Zezinha, 50\$. Anónimo com 5.000\$. Mais 800\$ de Luisa Maria. 1.000\$ de Pa-rede. Igual quantia de Melgaço, Valadares, Porto, S. João da Madeira, Fiães e Braga. 1.050\$ de Magistrados e Funcionários do Tribunal da Auditoria Administrativa do Porto.

A presença habitual daquela senhora da Av. João XXI, Ass. 25365 com 14.000\$. De Cascais, 2.000\$. Anónima de Braga com 10.000\$. Mais 500\$ do Estoril. 500\$ da Carolina e da Maria Celeste. De Gondomar, 100\$. E do assinante 25081, cheque de 5.260\$.

De S. Mamede de Infesta, cheque de 50 contos. 200\$ de Monte Estoril. 2.000\$ de algures. 3.000\$ de Ferreira do Zêzere. E 20.000\$ de Alcobaça. Cheque de 5.000\$ de Nova Oeiras. 600\$ da Rosa. 2.000\$ de Torres Vedras. Mais 150\$ de filhavo. E 5.000\$ de algures. Cheque de 5.600\$, dum emigrante na Alemanha. 1.000\$ de Maria Amélia. 500\$ da Covilhã. Anónimo, de Cascais, 26.000\$. De Pinto & Cruz, L.da, cheque de 9.000\$. Da Maria do Céu, 5.000\$. E 480\$ do Porto. E 200\$ de «uma mãe retornada». Do Grupo de Esclarecimento (Br. Fr. Pimenta), de Kaiserslautern, donativo de 1.070 marcos, que renderam 30.847\$.

Da Escola de Condução Vimaranesense, 3061\$. Do Porto, 100\$. Por alma de Dinis Ferreira Pestana, 10.000\$. Da Empresa Industrial do Ouro, 1.500\$. De Ermesinde, anónimo com 7.500\$. Da amiga do Henrique, 5.240\$. E 3.000\$ de Vila do Conde. 2.600\$ de anónima. 1.000\$ de Aveiro. Mais 1.500\$ da Amadora. 5.000\$ de Braga. 1.000\$ da bisavó Irene. 2.000\$ do Porto. 200\$ de Chaves. E 1.500\$ do ass. 32699. Anónimo de Ribeirais com 500\$. De Maria Helena, 2.000\$. Cheque de 1.000\$, de Ramos & Silva, L.da. 5.000\$ da capital. Mais 3.000\$ de Espinho. 500\$ de Chaves. E 5.500\$ de Anónima. 500\$ do Porto. 5.000\$ de Carraceda de Ansiães.

Em memória de Jorge Manuel e de Maria Augusta, 10

rido ficou doente e não chega prà renda.»

Desenraizados — as raízes perderam a força para, de novo, sugarem o seu chão...!

Leis para tudo!

Era uma, rigorosa e eficaz, que regulasse a saída de famílias dos seus povos — e ordenasse a entrada delas noutros meios.

Mas não; anda tudo ao Deus-dará!

Padre Telmo

contos. De Alcobaça, 1.200\$. De S. Roque da Lameira, 150\$. Cheque de 20.000\$, de Barros Almeida & C.ª. Muitas e variadas coisas, entregues no Espelho da Moda e no Lar do Gaiato do Porto. Garrafas de vinho do Porto de Poças Júnior. É oferta que data de há longos anos. Mais 18 camisolas feitas pela Senhora Nazaré — com muito amor.

Ao longo desta coluna, muitos donativos anotados chegaram por ocasião do Natal. Entre eles contam-se os Amigos da Caixa do Comércio, 4.700\$; e os da Caixa Têxtil, 13.500\$. Aveiro, 2.000\$. Por alma de Flora, 100\$. Anónimo com 25 contos. Da ass. 31048, cheque de 3.000\$. De Arcoze-lo, 1.600\$. Mariana, 200\$. Mais 1.000\$ de Vila do Conde. E 2.000\$ da Golegã. Cheque de 10 contos, de Gaia. 1.000\$ de Avô. 220\$ dum aposentado. 2.000\$ da ass. 29403, comemorando 40 anos de casados. 500\$ da Amadora, pedindo orações por uma irmã doente. E «um pingo de amor», de Maria do Céu.

«Uma portuense qualquer» com 500\$. Da Auto-Aires, 1.000\$. Pela saúde de Carlos Lopes Ramos, 200\$. Ass. 22801. 1.700\$. E 5.000\$ de Ferragudo. 2.000\$ de Aveiro. Mais 1.600\$ de Venade. Ass. 18299 com 1.500\$. R. Sá da Bandeira (Porto), 500\$. Godim, 700\$ dum aumento de reforma. 400\$ de Rinchoa. Vale de 4.000\$, de Alda Lima. Carvoaria da Lomba, 2.000\$. Pessoa amiga de Pinhel, 10.000\$. A presença mensal de Franqueira & Gamaireira. 1.000\$ de Valongo. Por alma de Manuel, 5.000\$. MA-CONDE, 14 caixas com vestuário diverso.

Um grupo de senhoras de Candal-Gaia, cheque de 10.000\$, fruto de trabalhos manuais (crochet, etc.) executados pelas mesmas e vendidos a pessoas das suas amizades. 100\$ e um bonito postal de Fernanda Helena. 8.000\$ dos Carvalhos. 1.000\$ de V. N. de Famalicão. Mais 2.000\$ de Maria Adelaide. 5.000\$ de Covilhã. 3.000\$ de Santo Tirso. E 1.000\$ por intermédio da Farmácia Guincho. 2.000\$ de Gaia. Ass. 29543. 1.000\$. Por alma de Manuel Santos, 5.000\$. Anónima da Rua das Papoilas, 500\$. Ermelinda com 300\$. Anónima, de Gondomar, 500\$. Guarda, 1.000\$. Mais 2.000\$ de S. João da Madeira. 500\$ duma «velha Tia portuense». Amigo do Porto, ass. n.º 20, cheque de 50 contos, pelas bodas de ouro matrimoniais. Parabéns!

Vale de 450\$ por alma de José António dos Santos, dos alunos do 1.º D, da Escola Preparatória de Paço de Arcos. 250\$ de Leiria. 5.000\$ de Valadares. Escalhão com 1.000\$. Cheque de 2.500\$, de Gaia. Mais 3.000\$ de Linda-a-Velha. 500\$ de Cantanhede. 20.000\$ de Armandina. E 1.000\$ de Rio Tinto. 500\$ de Tomar. Por alma de Manuel Teixeira e es-

Cont. na 4.ª página

NOTAS do TEMPO

asci para a Instituição Escolar e cresci nela na veneração dos meus e, por eles, da generalidade dos Professores.

As primeiras letras (e um pouco mais...) aprendi-as no regaço materno. Só mais tarde repararia em tal, é verdade! mas a lição primeira foi a descoberta do poder da intuição, da fecundidade que emana da missão assumida de, para além do dar à luz, ir dando a luz dos conhecimentos à inteligência que se vai abrindo e perguntando. Depois, foi a Escola Primária: Um Professor e uma Professora de quem o tempo não apaga uma saudosa lembrança. E ao longo dos muitos anos de passagem por bancos de Escolas, sempre a mesma imagem, com três ou quatro excepções que não abalaram a regra.

A carreira do Ensino, mais do que uma profissão, era missão sacrificada que tantas vezes ouvi assimilar e justamente, a um sacerdócio. Não me lembro de nenhum Professor que, vivendo exclusivamente da Escola, houvesse feito fortuna. E até, as raras excepções a que aludi, eram dos que

viviam divididos por outros interesses. A grande compensação vinha-lhes de outra fonte: em primeiro lugar a consciência do dever cumprido generosamente, não apenas no limiar tangencial da honestidade; e depois a grata amizade, os sentimentos profundos que semeavam na alma dos discípulos e que os marcavam (marcaram!) para a vida toda.

Era injusto que monetariamente fôssem tão mal correspondidos. Regozijo-me porque hoje estão melhor. Mas sempre será de justiça para quem ocorre à função do Ensino, que não venha em mente de mercenário, antes por vocação, disposto a guardar o espírito abnegado essencial na figura do Professor, consciente de que lhe não cabe apenas instruir mas também educar — e tal supõe, além da competência, a disponibilidade para um acto incessante de gestação que se não pode conceber sem dores de parto.

Isto me parece o fundamento ético da invocação dos seus direitos. Que a Escola é para os alunos; neles está a razão de ser do Professor! Que outros interesses, pois, se não le-

vantem em prejuízo do interesse dos estudantes. E embora, se legítimos, requeiram tratamento, que este seja procurado em outro plano onde não é possível o atropelo dos alunos.

Toda a inflação é má; também a inflação escolar. De que serve à Nação a multiplicação de Escolas, se nem sequer a instrução é convenientemente servida? É um preço imenso que todo o Povo paga sem o fruto razoável que tem direito a esperar.

A Escola não está bem. Há muito que o não está. Mas não se atire sobre os jovens e os desvarios do tempo a responsabilidade. O mal desce do cume para o sopé, como as torrentes, como o degelo, como a lava dos vulcões. A desorganização que invadiu a Escola, a instabilidade de programas, a indecisão e fantasias pedagógicas, a crise de exigência quanto a trabalho a todos os níveis, a indisciplina epidémica e impeditiva de aproveitamento mesmo para os que querem aproveitar... tudo procede de estruturas ameaçando ruína, de pessoas inadaptadas à sacralidade da missão do Ensino.

O respeito não se impõe; merece-se. E aquela figura de Professores que esbocei acima encontra-se geralmente muito desfigurada. Não será este o total diagnóstico do mal, mas com certeza passa, passa muito por aqui.

Quem dera uma cobertura escolar completa e eficiente! Porém, a não ser possível (e não se vê que o seja!) mais verdade, mais seriedade: Antes menos Escolas e uma Escola melhor.

● Aquela palavra recente do Papa começa a realizar-se: De terras, outrora «de missão», a vinda ao «velho mundo» de filhas e filhas da Igreja a trazer sopro renovador em seu testemunho de vida conforme ao Evangelho.

Assim acontece em Setúbal desde há dois meses com a chegada de quatro «Missionárias da Caridade», a Congregação formada por Madre Teresa de Calcutá. É a retribuição de Francisco Xavier, de João de Brito e de tantos outros que daqui partiram para o Oriente a levar a Boa-Nova de Jesus Cristo. Quatro séculos demorou; mas aí está de como «o amor se paga com amor»!

Estas quatro jovens indianas vieram sem saca nem bordão. Deixaram suas gentes, suas

ficar nos alicerces da Casa do Gaiato, escondido. Se o grão de trigo ficar à vista não dá pão. Não é modéstia; é amor à Criança abandonada. É política... do Pai Nosso. Torna-se necessário que ele desapareça para que a Obra da Rua cresça.

A Obra é do Porto; de todos e de cada um dos seus habitantes. Quando me enxergarem nos púlpitos, nos teatros, nos cafés, nas ruas, nas praias, nos hotéis — é o pedinte que vai levado, o servo do garoto da rua a estender a mão para eles, por amor de Deus.»

O. Américo!

terras, seus costumes, alegremente — que o seu sorriso não engana. Não trazem mais nada para dar senão elas-mesmas e o Amor que as enche. Não vêm para fazer nada de específico senão somente viver a santa Pobreza no meio dos Pobres com a força e a fecundidade que nos garante Cristo no meio de nós.

Instaladas, como foi possível de momento, num andar emprestado, a sua inquietação, a sua reivindicação, é mudar quanto antes para uma casinha igual às outras, num dos bairros mais pobres da cidade e ali viverem em comunhão perfeita com todos.

É belo ver como nem a novidade do meio nem as difi-

culdades da língua as impede de comunicar; e como o povo é bom e mostra sede de autenticidade, conforme o prova a simpatia com que as tem rodeado! E não apenas simpatia! A interpelação da sua presença está já produzindo seus efeitos: duas almas enamoradas deste viver que se interrogam em busca de uma determinação.

Em Maio esperamos Madre Teresa que virá confirmar estas suas filhas na missão a que as mandou. Que bom se as viesse já encontrar no seu «habitat»! Que bom para todos nós, de quem depende, afinal, satisfazer a sua reivindicação!

Padre Carlos

Do que nós necessitamos

Cont. da 1.ª página

1.000\$. Rua Nau Vitória, cheque de 15.000\$. Farmácia Moreira Padrão, 1.000\$. Igual quantia de Cascais. 150\$ de Baguim. 6.000\$ de Galizes. 500\$ de Tomar. O nosso Zé Lemos paga o bolo-rei gasto no Natal, oferta de há anos.

Uma avó, triste pela doença da neta, pedindo orações, 10.000\$. Ass. 4448, 1.000\$. Praia do Ribatejo, 3.000\$. Cheque de 400\$, de Santiago do Cacém. 150\$ de Armamar.

1.000\$ de Braga e outro tanto de Torres Novas. 500\$ de Leiria. 5.000\$ de Gondomar. 1.000\$ Setúbal. E 1.500\$ por alma de José Simões Calado. 2.000\$ de Matilde. 1.000\$ de Vila Real. Mais 200\$ de Peniche. Emigrante em Lyon, 10 francos. 1.400\$ de Setúbal. Pelas mãos dum Padre amigo, da Póvoa de Varzim, 3.250\$. Sufragando a alma de António de Jesus Simões, cheque de 3.848\$. E 1.000\$ de Castelo Branco.

Manuel Pinto

Era um sonho!

Cont. da 1.ª página

ridade. Fora, ouviam-se cair no chão as primeiras pedras do antigo cenóbio; começara a demolição. Não se profana; muda-se a pedra para servir a mesma causa — trabalho e oração.

Sonhara uma Aldeia com casinhas a espelhar, habitada por garotos da rua a cultivar a terra e a comer o pão com o suor do seu rosto. Vi escolas e oficinas; pomares e jardins; folgedos e descantes. A igreja era no meio. Crianças entravam ao repicar de sinos e dentro havia a mesma legenda dos antigos frades num fundo de glória — ora et labora.

Nisto abri os olhos e nada mais vi do que as ruínas do convento, descarnado. Era um sonho! «Fique por aqui, Padre; não vá para Arouca» — repete o mesmo senhor. Quantas vezes não teria sonhado com novos mundos o Infante de Sâgres?! Há sonhos que não são fantasia.

O auto de posse foi lido por um magistrado, solenemente. Nele se diz que eu sou o director da Casa e que fico isento de selo por não ser retribuído. Um senhor a quem contei a minha vida, deu-me trezentos contos de uma assentada, condoído; e mandou-me calar o nome.

A Casa do Gaiato do Porto — em Paço de Sousa — é um aglomerado de dezoito casas de família para sete, doze e dezassete habitantes num total de duzentos e dezasseis garotos. De comum existe a casa

de aulas, a casa de oficinas, o balneário, a piscina, a enfermaria, a igreja e o refectório. Neste, sentam-se os rapazes por famílias, com o pai à cabeceira. É só por economia que as casas de habitação não têm serviço de cozinha. Os pais vão da Casa do Gaiato de Coimbra (Miranda do Corvo); de sorte que o pequenino vadio das ruas do Porto é recebido às portas da Casa dele por um irmão que já o foi. Com esta classe de gente toda a pedagogia naufraga. Há-de ser o próprio garoto a ensinar o garoto ou não é ninguém. A missão dos assistentes da Obra da Rua é amar a Criança abandonada. Amá-la sem medida e nada mais. Não se vai proceder à limpeza das ruas do Porto, mas sim transformar em homens de bem os pequeninos vadios que as povoam; ora isto só é possível com o Amor.

O arquitecto Teixeira Lopes tem o alçado no fim e as obras de construção em vésperas de começar. Estamos a demolir. Seria erro de origem, instalar a Criança num casarão. Ela é o que é e nós temos que trabalhar consoante. Logo que o alçado esteja à vista e os alicerces também, hei-de levantar no Porto a minha voz de pedinte — mas só então, que o nosso bom Povo à força de ouvir discursos e escutar promessas, já não se fia no que a gente lhe diz. Estamos desacreditados por muito falar.

Se tens amigos no Porto, manda-lhes este recorte para que saibam. O Padre Américo tem de morrer e o nome dele

FESTAS

ZONA CENTRO

ABRIL

Dia 25, às 17 h — Salão dos Bombeiros — MIRANDA DO CORVO

MAIO

Dia 1, tarde e noite — Teatro Avenida — COIMBRA
Bilhetes à venda: Casa do Castelo, Rua da Sofia e bilheteiras do Avenida.

» 2, às 15,30 h — Cinema do Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
Bilhetes à venda na Tulmar

» 7, às 17 e 21,30 h — Teatro-Cine da COVILHÃ
Bilhetes à venda: Jerónimo dos Santos (Seguros) e bilheteira do Teatro-Cine.

» 8, às 15,30 h — Cinema Gardunha — FUNDÃO
Bilhetes à venda: Casa da Beira e bilheteira do Gardunha.

» 9, às 15,30 h — Cine-Teatro Avenida — CASTELO BRANCO
Bilhetes à venda: Casa Pinto, Papelarias Samedo e Elias Garcia.

ZONA SUL

MAIO

Dia 9, às 11 h da manhã, MONUMENTAL — LISBOA
Bilhetes à venda nos locais do costume

» 15 — Cinema dos Bombeiros Voluntários — LOURES



Gaiato

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato
Composto e impresso nas Escolas Gráficas

Chefe de Redacção: Júlio Mendes
4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
da Casa do Gaiato — Paço de Sousa